



O HOMEM DE HOJE JOÃO MIGUEL DOS SANTOS SIMÕES

PAULO HENRIQUES

Ao celebrar-se o centenário do nascimento de João Miguel dos Santos Simões, a 17 de Julho de 2007, é impossível não reconhecer a modernidade do seu pensamento e acção, permitindo afirmar que estamos, sem risco de encómio por furor celebrativo, perante um homem de hoje.

A leitura da sua notícia biográfica informa-nos sobre um rapaz de 11 anos que manifestava «invulgar vontade de aprender» quando começou a participar nas excursões da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sediada no Museu Arqueológico do Carmo onde o pai, José Rodrigues Simões, «industrial, doublé de notável bibliófilo»¹ tinha funções de tesoureiro, frequentando com 15 anos o curso nocturno de Desenho da Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa; descobrindo o Cinema, ao mesmo tempo que o resto do mundo, de modo apaixonado e erudito, aos 18 anos, enquanto frequentava a Faculdade de Direito de Lisboa que abandonou, optando pela vida prática, como empregado na companhia de Pesca de Cetáceos em Setúbal.

Para se ocupar da gerência da Fábrica de Fiação de Tomar, propriedade do pai, frequentou, em 1926, o *College of Technology* em Manchester, e concluiu o curso de Engenharia Têxtil na *École de Filature et Tissage* de Mulhouse, França, em 1929, realizando estágios de especialização nas tecnologias de tecelagem e tinturaria na Alemanha, Checoslováquia e Reino Unido, viajando em períodos de férias pela Suíça, Áustria, Hungria, Bélgica, Holanda e Itália.

Regressado a Portugal em 1931, casou com Fernanda Neves e fixou residência em Tomar onde foi gerente técnico da Fábrica de Fiação e desenvolveu importante actividade cívica e cultural, como director do Museu Luso-Hebraico Abraão Zacuto, superintendente do Convento de Cristo, a partir de 1943, e impulsor a partir de 1950, após estudar as suas raízes etnográficas, da Festa dos Tabuleiros, acontecimento hoje fundamental nos rituais da cidade. Só em 1956, após a morte do pai, é que deixou a posição na Fábrica de Fiação e se mudou para Lisboa.

É bem eloquente o percurso traçado durante os anos de formação e passagem à idade adulta, num período entre 1918 e 1931, caracterizado pela euforia do pós-guerra e na crença inabalável nos valores de modernidade material e no mito do progresso, resultantes da industrialização massifica e de novos modelos de existência.

Santos Simões em S.Gotardo, Suíça, Inverno, 1929.

¹ *Curriculum Vitae* de João Miguel dos Santos Simões, exemplar policopiada, sem data. Museu Nacional do Azulejo (MNAz), Espólio João Miguel dos Santos Simões (EJMSS).

A própria actividade profissional que lhe coube desenvolver a partir de então, a gestão de uma unidade fabril, mergulha-o inteiramente nesse paradigma mas num território que não deixa de ter presente um outro valor, o da estética, resultante dos próprios produtos, tanto mais qualificados quanto mais insinuantes fossem os padrões dos tecidos, factor que, embora real, não terá sido determinante para a sua apetência pelos assuntos de História e Arte.

A propósito escreveu Santos Simões de si: «Desde muito cedo me apaixonei pelo estudo da história d'arte; tendência inata, ou mesmo atávica – Meu Pai tem dedicado parte da sua longa vida à formação de uma apreciável biblioteca – lançou-me pouco a pouco na investigação e agitação de certos problemas ligados à historiografia artística portuguesa. Um longo treino no estrangeiro – onde vivi permanentemente vários anos – o contacto com os meios artísticos e uma permanente ânsia de 'saber mais', formaram em mim o propósito de contribuir, na medida das minhas minguadas possibilidades, para a valorização de certos aspectos da arte em Portugal.»²

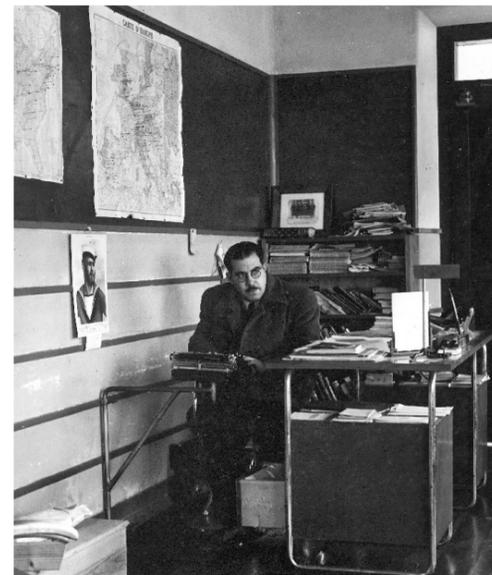
A figura do pai é, de facto, central na sua formação, através dos interesses e do círculo de amigos, entre os quais se encontrava o *ceramólogo* José Queirós que vemos numa fotografia de grupo, estudiosos e eruditos com João Miguel dos Santos Simões, menino, no claustro de D. João III em Tomar.

A documentação fotográfica do espólio de Santos Simões é, de resto, muito eloquente, e num retrato tirado no escritório da fábrica, de 1946, é difícil não reparar na modernidade da postura, da indumentária e do envolvimento decorativo, com as paredes em bandas horizontais e móveis funcionalistas de estrutura tubular cromada, tendo à sua frente a máquina de escrever, instrumento essencial do seu trabalho.

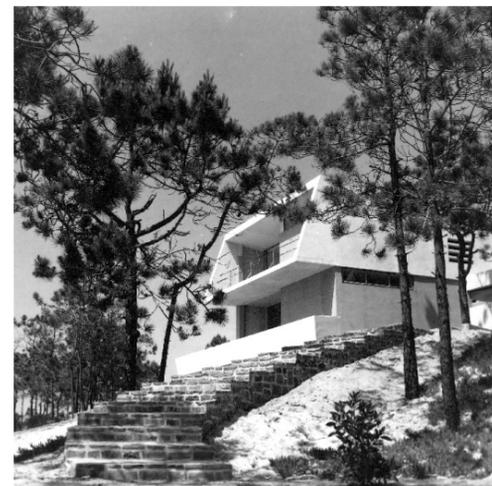
A adesão natural ao espírito do tempo moderno foi uma permanência ao longo de toda a sua vida, revelada pelo fascínio do Cinema, pela organização social de novas práticas sociais de lazer como o Sky Club de Portugal, na Serra da Estrela, de que foi sócio fundador em 1932, ou o campismo, essa forma nova de relação com a natureza, tendo adquirido, em 1939, uma *roulotte* a que chamou, com irónica literalidade, *Casal Vadio*. Quando construiu a casa de veraneio em S. Pedro de Moel, na década de 1950, a arquitectura adoptada foi de claro espírito funcionalista, com volumetrias geométricas e grande despojamento formal, absolutamente contrária ao revivalismos ou ao gosto «casa portuguesa», tão em voga há demasiados anos no gosto nacional. Do mesmo modo, quando se muda para Lisboa, em 1956, foi na avenida Infante Santo que encontrou a casa para a sua família, nessa artéria moderna da cidade onde, por sinal, o azulejo viria a ser usado num dos mais emocionantes registos de modernidade.

Quando realizou, em 1971, o importantíssimo evento que foi o 1.º Simpósio Internacional de Azulejo, em Lisboa, o tema da exposição que organizou a propósito, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi de *Cerâmica Decorativa Moderna*, na convicção

² Carta ao Dr. Manuel Monteiro, de 4 de Julho de 1946, agradecendo as referências críticas ao livro *Os Azulejos de Vila Viçosa*, feitas na revista *Ocidente*, n.º 99. MNAz, EJMSS.



Santos Simões no escritório da Fábrica de Fiação, Tomar, 1946.



Casa de S. Pedro de Moel, c. 1955.



Santos Simões com as chefias da Fábrica de Fiação, claustro D. João III, Convento de Cristo, Tomar, década de 1930.



Máquina fotográfica e máquina de escrever de Santos Simões.

segura de que, desde sempre, foram as criações modernas que, em todos os tempos, construíram a História e a Cultura dos povos.

Esta atitude percorre transversalmente o pensamento de Santos Simões nas diferentes áreas em que desenvolveu actividade. Quando, na década de 1930, se faz fotografar com funcionários da Fábrica de Fiação no claustro de D. João III do convento de Tomar, com eles partilha não só a responsabilidade de um trabalho que é de todos mas também os põe em convivência com os valores do património e da criação artística que lhe são tão caros, num gesto de grande generosidade e moderna responsabilidade social.

Por outro lado, a sua aprendizagem académica e profissional desenvolveu-lhe formas analíticas e sistemáticas de raciocinar a realidade, muito mais próximas das Ciências Exactas do que das convenções literárias das Ciências Humanas, mecanismos que transpôs para as suas abordagens da História de Arte e, mais concretamente, para os estudos de Azulejaria. É eloquente como descreve o início da sua actividade como investigador «Acarinhado por amigos – à frente dos quais contava o saudoso Mestre Dr. Virgílio Correia, e mais modernamente o Dr. João Couto – encetei os meus trabalhos no campo da análise objectiva das espécies portuguesas [de cerâmica decorativa] recolhendo, em contínuas viagens, elementos de trabalho, fichas, fotografias, apontamentos e referências bibliográficas, material que constitui a minha ferramenta laboratorial.»³ Esta ideia de laboratório é fundamental e tem associada por um lado as noções de experimentação e por outro de rigor metodológico, num processo de identificação das componentes das matérias e do respectivo uso ou de problemas no sentido de lhes procurar uma estrutura de resposta.

Para além desta acepção conceptual outra pode também ser avançada, a das práticas laboratoriais, por hipótese ligadas à tinturaria dos tecidos mas seguramente também à produção cerâmica, sabendo-se que montou em Tomar, em 1944, um laboratório para ensaio de pastas e vidrados para melhor compreender e conhecer as diferentes tecnologias da produção cerâmica.

Os seus cadernos de apontamentos surgem densos de anotações e comentários, registando o que vê e interpreta, complementando o texto com breves mas claros desenhos do natural, configurações arquitectónicas ou esquemas de implantação e localização de objectos no espaço.

Bom fotógrafo amador, realizou muitas das fotografias existentes no espólio da *Brigada de Azulejaria* da Fundação Calouste Gulbenkian, algumas depois repetidas por Mário Novaes tendo em vista a publicação, registos do ciclópico trabalho de inventário do Azulejo português, para o qual realizou numerosas deslocações por todo o país, continental e insular, e também ao Brasil.

A sua câmara fotográfica constituiu, a par da máquina de escrever, a outra «ferramenta laboratorial» que o acompanhava sempre.

³ Simões, João Miguel dos Santos, Nota auto biográfica, c. 1946, MNAz, Arquivo Histórico.

Assim, para o seu trabalho recorreu aos meios modernos de registo e memória de imagem, primeiro a fotografia e mais tarde o filme, advogando mesmo, com sentido pioneiro, o que hoje é tido como essencial para qualquer forma de comunicação social, entre as quais está a museológica, o uso de audiovisuais como complemento do discurso oral e da interpretação das colecções e patrimónios.

Outro sinal da modernidade de Santos Simões foi a consciência que teve da necessidade da comunicação e da mobilidade rápida do indivíduo em diferentes territórios geográficos e culturais. É surpreendente verificar, numa época em que viajar não era uma prática tão fácil e correntia como hoje, as numerosas deslocações que, desde muito cedo, se habituou a incluir nas suas rotinas pessoais e profissionais. De facto, a partir de 1926, tinha então 19 anos, parte para o Reino Unido, circulando depois por toda a Europa Central até 1931, visitando os Estados Unidos da América em 1938, forçado a deslocar-se apenas a Espanha durante a Grande Guerra, mas regressando de imediato, em 1946, a Londres, Amesterdão e Bruxelas para proferir conferências; realizando grandes viagens em 1949, com estadas no Reino Unido, Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda e Bélgica, visitando de novo a Holanda, mais demoradamente, em 1957, e fazendo a primeira viagem ao Brasil em 1959.

Esta intensa mobilidade foi matéria e marca da visão cosmopolita de Santos Simões, para a qual se equipou com uma vasta cultura linguística, falando e escrevendo em inglês, francês, alemão e espanhol, assim adquirindo outra ferramenta fundamental para o desenvolvimento de importantes contactos internacionais que estabeleceu, desde muito novo, com os grandes especialistas da Cerâmica e da Museologia do seu período, relações que sabia cultivar com grande urbanidade e que, com frequência, se firmaram em cordiais amizades que nunca viria a esquecer.

Para além destas características de modernidade que poderíamos classificar, de modo redutor, como técnicas, outras se reconhecem que estruturam, como grande pano de fundo, toda a sua actividade e obra, a dos princípios éticos.

A primeira é a do rigor consigo próprio no desempenho profissional desde o início da sua carreira como investigador e que descreve deste modo: «Durante anos – a que eu chamo de formação – tomei conhecimento com alguns problemas capitais, lendo, estudando, catalogando, arrumando esses conhecimentos, formando a base de generalidades necessárias para a compreensão do fenómeno artístico no seu quadro histórico. (...) Logo que me foi possível encetei o intercâmbio com os mestres estrangeiros, adquirindo – Deus sabe com que custo – vasto material bibliográfico, sobre o qual estudei, na especialidade, aquilo que reputei necessário para uma actualização de conhecimentos. Durante a guerra, por impossibilidade de ir mais longe, visitei repetidas vezes o país vizinho, frequentando em Madrid o Instituto Valencia de Don Juan e o Museu Arqueológico. Em Talavera fui admitido como praticante na fábrica famosa de Ruiz de Luna e ali aprendi o suficiente para ter uma noção prática dos processos técnicos referentes, em especial à azulejaria.» Prosseguiu em tom assumidamente laboratorial «Continuarei



Fotografia de grupo, Palácio de Sans Souci, Potsdam, Berlim, final da década de 1920 (Santos Simões é o segundo homem da direita para a esquerda, na segunda fila)

com os meus esforços de análise, dissecando, até onde poder, os elementos constitutivos dos problemas. Decantarei os resultados, filtrarei o que ficar e procurarei tirar do precipitado as conclusões que me permitam fazer a síntese. É meu plano atacar o problema em separado, publicar possivelmente monografias ou artigos de pura análise crítica, e alguns tenho entre mãos para oportuna publicação»⁴.

Esta estratégia de investigação e divulgação será seguida de modo sistemático até final da vida, iniciando-se com o texto *Sansovino em Portugal*, publicado pelo Instituto de Coimbra, em 1942, sucedido por *Alguns Azulejos de Évora*, na revista *A cidade de Évora*, em 1943, primeiro dos títulos sobre o assunto que será central na sua bibliografia. Dirá em 1944 «O que sei sobre azulejos é, por enquanto, apenas fruto de observação de algumas centenas de exemplares que tenho pretendido coordenar cronológica e artisticamente. Ajudado da bibliografia da especialidade, tão parca e confusa, e da análise comparativa venho de facto fazendo luz sobre o problema histórico-artístico da azulejaria portuguesa (...) Ainda não comecei propriamente com a parte de investigação documental e muito há a rebuscar neste campo sobre o qual pretendo basear as conclusões de carácter histórico.»⁵

Patenteava-se a atitude de análise sistemática do objecto de estudo, fundamentando-a com a investigação arquivística sobre o azulejo, insuficientemente desenvolvida depois dele, processo cuja conclusão lógica foi a sua magna obra de inventariação do Azulejo em Portugal, de que publicou em vida, ao serviço da Fundação Calouste Gulbenkian, os tomos relativos aos séculos XVI e XVII, deixando um grande volume de material inédito, algum do qual reutilizado na *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, organizado por Flávio Gonçalves e publicado postumamente. É de notar que em muito destes inventários, publicados ou inéditos, Santos Simões parece ter desejado disponibilizar dados factuais, seja pela documentação dos conjuntos de azulejo ao longo do país seja por pistas arquivísticas e vias de investigação, por exemplo a iconográfica que, constituindo-se em registos documentais, são importantes instrumentos de salvaguarda efectiva de património e material para estudo e interpretação futura.

A sondagem feita ao espólio documental doado pelos herdeiros ao Museu Nacional do Azulejo permitiu verificar uma poderosa estrutura de trabalho e organização dos documentos e informações que parece ter presente a hipótese de que todo aquele material investigado e reunido durante décadas deveria um dia ser de utilidade para outros. Inscrevia-se, mesmo que não formalmente, a ideia de legado e, assim de continuidade não tanto da própria materialidade do acervo mas sobretudo dos conhecimentos veiculados.

Esta responsabilidade que entendeu como dever do investigador, o de comunicar os avanços na sua área específica de estudo, levou Santos Simões a uma intensa vida pública, disseminando a sua paixão e conhecimento pelo Azulejo, nacional e internacional,

4 Idem.

5 MNAz, *EJMSS*, Carta ao Dr. Manuel Monteiro, de 4 de Julho de 1946.

através de numerosas comunicações que realizou, a primeira das quais com o texto «Azulejos arcaicos em Portugal», curiosamente no *Congresso para o avanço das Ciências*, em Córdoba no ano de 1944, seguindo-se um périplo impressionante de comunicações nas mais prestigiadas instituições europeias e americanas, a última das quais em âmbito muito especializado e internacional, a palestra «Azulejos as Aesthetimetric indexes» no dia 15 de Outubro de 1971, no 1.º Simpósio Internacional de Azulejo, em Lisboa.

Dava assim forma, através do seu grande talento de comunicador de ideias e emoções, a uma responsabilidade cívica dos investigadores, o de disseminar o saber não só junto aos seus pares mas também do público em geral, o que usufrui e também contribui para a preservação dos patrimónios, divulgando-os de modo acessível. Neste âmbito, a sua obra de maior visibilidade e partilha pública foi a instituição idealizada para conter e desenvolver o conhecimento sobre uma das expressões artísticas mais importantes da Cultura portuguesa, o próprio Museu do Azulejo cuja criação se gerou a partir de 1960. Aí reencontramos, de forma perene, outro paradigma de modernidade, a do indivíduo que exerce generosamente as suas capacidades e talentos no sentido do desenvolvimento cultural e do bem-estar de todos, imaginando e construindo utopias, essa ferramenta essencial para a mudança das mentalidades e do mundo, absolutamente necessária para o homem de hoje como nos demonstrou, através da sua obra, João Miguel dos Santos Simões.